

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS  
MODERNAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS  
MODERNAS

RAFAELA FERNANDES

**O QUE É SER BILÍNGUE? NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE  
ESCOLAS BILÍNGUES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA  
2016**

RAFAELA FERNANDES

**O QUE É SER BILÍNGUE? NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE  
ESCOLAS BILÍNGUES**

Trabalho apresentado ao Curso de  
Especialização em Línguas  
Estrangeiras Modernas da  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Elizabeth Pazello

**CURITIBA  
2016**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**ALUNO (A):** Rafaela Fernandes

**CURSO:** ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS (*Lato Sensu*)

**TÍTULO DA MONOGRAFIA:** O Que É Ser Bilíngue? Na Percepção de Professores de Escolas Bilíngues.

**DATA DA DEFESA:** 22 de setembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof<sup>a</sup> Elizabeth Pazello (Prof<sup>a</sup> Orientadora)

Prof<sup>a</sup> Maristela Pugsley Werner

Curitiba, 22 de setembro de 2016.

**Obs:** A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.” Paulo Freire

Para aqueles que contribuíram para minha formação como professora e me ajudaram a encontrar sentido nas minhas ações diárias em sala de aula e, aos meus pais, que pelo exemplo de humildade e generosidade, me ensinaram a ser semeadora do saber e uma eterna aprendiz.

## RESUMO

À luz da era da língua inglesa como uma língua global e frente à expansão do ensino desse idioma em escolas do mundo inteiro, e, em especial, no Brasil, a realização deste trabalho tem por objetivo fazer um levantamento teórico sobre o conceito de bilinguismo e a educação bilíngue. Ademais, busca-se analisar a percepção dos professores de escolas bilíngues sobre o conceito de bilinguismo com o intuito de traçar pontos de convergência e divergência sobre tal entendimento em relação à proposta das escolas bilíngues e à literatura existente sobre o assunto. O trabalho foi elaborado a partir de pesquisa documental de cunho qualitativo, que se fez possível por meio de coleta de dados com questionário sobre percepções de professores de uma escola bilíngue em Curitiba acerca de seu entendimento do que é ser bilíngue.

**Palavras-Chave:** Bilinguismo. Ensino Bilíngue. Formação de professores.

## **ABSTRACT**

In light of English as a global language and on the face of its teaching and learning expansion worldwide, specially in Brazil, this study aims to conduct an overall review of the theories about the bilingualism concept and bilingual education. Moreover, this work also seeks to analyze the bilingual school teacher perceptions about the concept of bilingualism and establishes points of convergence and divergence among their perspectives, the school pedagogical proposal and the existing literature on the subject. This study was developed based on desk and qualitative research enabled by a collection of data on the bilingual school teachers perceptions about bilingualism.

**KEYWORDS:** Bilingualism. Bilingual Education. Teacher Training.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BILINGUISTO .....	9
3 DEFINIÇÕES DE BILINGUISTO .....	10
4 EDUCAÇÃO BILÍNGUE .....	15
5 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E O SURGIMENTO DAS ESCOLAS BILÍNGUES .....	20
5.1 REGULAMENTAÇÃO DAS ESCOLAS BILÍNGUES NO BRASIL .....	22
6 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....	23
7 QUESTIONÁRIO E ANÁLISE DE DADOS.....	24
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS:.....	30
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO PARA PROFESSORES DE ESCOLAS BILÍNGUES .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado para a conclusão da especialização em ensino de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e parte da motivação profissional da autora que atua como professora de inglês do ensino fundamental em uma escola bilíngue da região de Curitiba. Tem-se como motivação intrínseca o intuito de reunir informações para discutir o que significa ser bilíngue e verificar o que os professores que atuam nessa área entendem por bilinguismo. Entende-se que a docência é uma atividade complexa e desafiadora, que exige do professor uma constante disposição para aprender, inovar, questionar e investigar sobre como e por que ensinar. Portanto, esta pesquisa é uma oportunidade de reflexão e aprendizagem da autora sobre o ensino bilíngue que possibilitará conhecer os conteúdos específicos da área em que atua e melhorar sua prática pedagógica.

O objetivo da presente pesquisa é problematizar o conceito de bilinguismo e a percepção do professor de escolas bilíngues sobre o assunto. Diante disso, faz-se necessário retomar teorias existentes sobre o bilinguismo, um breve histórico do ensino bilíngue no mundo e sua trajetória no Brasil. A fim de delinear o histórico do bilinguismo no mundo, utilizou-se o livro intitulado *Life with two languages - An Introduction to Bilingualism (1982)* de François Grosjean que trata do bilinguismo desde a sua origem e perpassa por temáticas como a Educação bilíngue.

As teorias de Crystal (1997) sobre a língua inglesa como fenômeno global e a perspectiva de Harmers e Blanc (2000) sobre o bilinguismo também alimentaram a discussão dos conceitos de bilinguismo.

Norteando o trabalho e sendo o maior motivador para o início das pesquisas, tomamos o artigo da MEGALE (2012), cujo título nos convida à reflexão sobre o assunto: *Bilíngue, Eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês* (MEGALE, 2012).

Os trabalhos de Colin Baker e Ofelia Garcia, autoridades nos estudos sobre o bilinguismo, também contribuem para a discussão sobre conceitos básicos do bilinguismo e sua situação atual no mundo.

Na primeira parte desse artigo, portanto, abordam-se as referências teóricas acerca do bilinguismo e da educação bilíngue. Em seguida, discorre-se



sobre o surgimento e expansão das escolas bilíngues no Brasil e, como desdobramento disso, alguns desafios como a formação de professores atuantes em tal modalidade de ensino e suas aceções sobre ela.

Cabe ressaltar que a presente pesquisa foi norteada por três perguntas, que listo a seguir, pelo seu papel estruturante e essencial à organização, desenvolvimento e conclusões apresentadas.

1. O professor de língua inglesa de escolas bilíngues tem formação ou mesmo conhecimento dos diversos conceitos de bilinguismo existentes e de como se configura uma educação bilíngue?
2. O professor de inglês de escolas bilíngues se identifica como bilíngue?
3. O que há legalmente de concreto para o desenvolvimento de instituições de ensino bilíngue no Brasil?

Por fim, a última parte é dedicada às considerações finais sobre achados feitos ao decorrer do trabalho, assim como as constatações e limitações da pesquisa.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BILINGUISTO

O fenômeno do 'bilinguismo' tem suas origens no surgimento da linguagem na história da humanidade e quanto a sua continuidade Grosjean afirma:

It's probably true that no language group has ever existed in isolation from other language groups, and the history of languages is replete with examples of language contact leading to some form of bilingualism." (GROSJEAN, 1982, p.1).

Ainda em sua obra, Grosjean identifica algumas das razões para o bilinguismo, sendo a busca pela educação a primeira delas. O conhecimento de uma língua pode dar acesso a diferentes mídias. O inglês, por exemplo, tornou-se a língua internacional da ciência e tecnologia.

A dinâmica atual do mundo em que vivemos e a mobilidade de pessoas ao redor do globo têm constituído sociedades cada vez mais multiculturais e enriquecidas com o contato de inúmeras línguas, que somadas totalizam em torno de 5000 no mundo (BHATIA E RITCHIE, 2004- 2006, p. 1). Estima-se que dois terços das crianças do mundo crescem em ambientes bilíngues (CRYSTAL, 1997). Tais fatores propiciaram o crescimento de escolas bilíngues, assim como a reflexão e necessidade de se teorizar sobre a educação bilíngue. Grosjean (1982, p. 35) acrescenta: "today many students are educated in a language that is not their native language". São inúmeros os estudantes que se mudam para outros países para estudar e seguir seus sonhos. Além disso, a industrialização de países multilíngues, a urbanização e o movimento de pessoas ao redor do mundo foram e são, também, razões para o bilinguismo.

Em um primeiro momento, faz-se necessário a distinção entre bilinguismo como uma característica individual e bilinguismo em nível social, como uma comunidade, região ou país. Baker (2011) apresenta a terminologia "individual bilingualism" and "societal bilingualism".

This is actually termed **individual bilingualism** and **societal bilingualism**. Like most distinctions, there are important links between the two parts. For example, the attitudes of individuals towards a particular minority language may affect language maintenance, language restoration, downward language shift or language death in society (BAKER, 2011, p.2).

A distinção apresentada por Baker demonstra que os estudos sobre o bilinguismo dividem-se em duas grandes vertentes. Do ponto de vista da sociologia, sociolinguística, política e geografia, encontra-se a perspectiva do bilinguismo como um fenômeno social. Considera-se nesse campo o grupo social, região ou país em que se encontra o bilinguismo. Já do ponto de vista da linguística, considera-se o bilinguismo como uma característica individual podendo ser observado como um processo individual que pressupõe fatores como as mudanças no sistema cognitivo e maneira de pensar do indivíduo.

Nesse sentido, entende-se a importância do ponto de vista do qual se teoriza e o contexto no qual se encontra o bilinguismo e do qual uma língua não pode ser dissociada. Deve-se considerar se o caso envolve uma sociedade que vive o bilinguismo ou se refere a um indivíduo que se insere em uma comunidade, cuja língua difere da sua. Ou mesmo, se o bilinguismo apresenta-se somente no âmbito da educação escolar, como acontece no Brasil.

Quanto à classificação, os países que possuem uma ou mais línguas em seu território, são chamados de monolíngues, bilíngues e multilíngues. Entretanto, vale ressaltar que, mesmo os países classificados como monolíngues possuem, muitas vezes, uma alta porcentagem de indivíduos bilíngues.

### **3 DEFINIÇÕES DE BILINGUISTO**

Cabe neste momento a conceituação do termo bilinguismo, que, a saber, não possui uma voz única. Pelo contrário, há diferentes acepções do termo bilinguismo como constatado por Grosjean:

There is no widely accepted definition of the concept of bilingualism... the term has often been paired with such modifiers as "early" and "late," "receptive" and "productive," "fluent" and "nonfluent," "balanced," functional," and so on. (GROSJEAN, 1982, p.2).

Levando em consideração a existência de diferentes teorias linguísticas que norteiam as diferentes definições de bilinguismo, faz-se necessário destacar e verificar a recorrência da ideia de que há diferentes graus de bilinguismo. De certa forma, essa noção abre um leque de possibilidades para a definição do termo. Ela

aparece na acepção semântica do termo bilinguismo no dicionário de linguística e fonética, que traz:

[...] uma pessoa que fala duas línguas [...] Os estudos sobre o tema têm-se concentrado nos muitos graus de “bilingüismo” e “situações bilíngües” existentes. As definições de bilingüismo refletem suposições sobre o grau de proficiência que uma pessoa deve atingir antes de ser qualificada como bilíngue (se comparada a um falante-nativo monolíngue, ou um pouco menos que isso, até o ponto de conhecimento mínimo de uma segunda língua. (CRYSTAL, 2000, p.39).

Inferimos de tal definição que é considerado bilíngue aquele que domina duas línguas como um nativo ou o indivíduo que possua maior competência em uma das quatro habilidades linguísticas ou, até mesmo, aquele que conhece minimamente uma segunda língua, ou seja, aquele que conhece uma simples frase na segunda língua.

A complexidade do tema se comprova também pelas constatações feitas por Megale (2005) ao discutir a definição mais popular do que é ser bilíngue: o indivíduo que fala duas línguas.

[...] de bilíngüe é a do indivíduo que fala duas línguas. Entretanto, como se define então, um indivíduo que entende perfeitamente uma segunda língua (doravante L2), mas não possui habilidade suficiente para nela se expressar oralmente? E um indivíduo que fala essa L2, mas não escreve? Devem-se considerar estes indivíduos bilíngües? Devem-se levar em conta auto-avaliação e auto-regulação ao definir quem é bilíngüe? Existem graus diferentes de bilingüismo que podem variar de acordo com o tempo e a circunstância? O bilingüismo deve ser considerado, então, um termo relativo? (BARKER; PRYS, 1998 apud LI WEI, 2000 apud MEGALE, 2005, p. 2)

Quanto a isso, Baker (2011), em sua obra sobre os fundamentos do bilinguismo, esclarece que se uma pessoa fosse questionada sobre quantas línguas fala, a pergunta seria ambígua. Isso por que a pessoa pode ser capaz de se comunicar em duas ou mais línguas, mas sua competência em uma delas pode ser limitada ou inferior à outra. Além disso, é comum encontrar bilíngües que utilizam uma língua para a comunicação oral e outra para a escrita e leitura, dependendo da sua necessidade. Partindo desse pressuposto, Baker (2011) apresenta a distinção entre *language ability*, *language use* e *balance of two languages* sendo o último referente a uma diferença entre grau e função.

Entende-se por **habilidade** a competência que um bilíngue apresenta em uma das habilidades da língua. “Some bilinguals actively speak and write in both languages (**productive competence**), others are more **passive bilinguals** and have **receptive ability** (understanding or reading).” (BAKER, 2011, p.3). Partindo da ideia de habilidades, há de se considerar os bilíngues em processo de aprendizagem e o entendimento de que uma habilidade está relacionada à possibilidade de desenvolvimento entre os falantes, ou seja, as habilidades linguísticas de um falante podem estar em desenvolvimento e aprimoramento constante.

A ideia de **uso** refere-se ao local onde a língua é necessária, por exemplo: escola, casa, rua, telefone e e-mail, bem como seu propósito.

Por fim, Baker apresenta a ideia de **balance of two languages**. Ela pressupõe um equilíbrio entre as habilidades que o falante de uma ou mais línguas possui, sendo essa uma situação rara de se encontrar, na medida em que, normalmente, o falante domina melhor uma língua ou determinadas habilidades de cada uma.

Nesse sentido, encontramos também a definição de Macnamara (1967 apud MEGALE, 2005, p. 248), que considera como bilíngue um indivíduo que “possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (MACNAMARA, 1967 apud MEGALE, 2005, p.2). Ainda nessa linha, Li Wei (2000 apud MEGALE, 2005, p.248) defende que bilíngues são os indivíduos que possuem duas línguas, devendo-se considerar, na classificação de ‘bilíngues’, indivíduos com diferentes graus de proficiência nas diferentes línguas.

Outros fatores podem ser considerados para a conceituação do termo bilíngue. Como acrescenta Megale (2005), a idade de aquisição das línguas é considerada de extrema importância, uma vez que influencia no desenvolvimento do indivíduo bilíngue. A autora constata que, conforme a idade na qual a aquisição da segunda língua acontece, o bilinguismo pode ser classificado como ‘infantil’, ‘adolescente’ ou ‘adulto’ e, a partir dessas categorias, é preciso levar em consideração as peculiaridades do processo de ensino e aprendizagem para cada uma dessas faixas etárias.

Megale (2000) acrescenta, ainda, as considerações de Mackey sobre a definição de bilinguismo, que segundo ele devem levar em conta quatro questões. A primeira diz respeito ao grau de proficiência do falante nos diferentes níveis

linguísticos, ou seja, um falante pode conhecer diversos vocabulários de uma língua, mas ter dificuldade de pronúncia. Nesse sentido, entende-se que o grau de proficiência é cabível de avaliação e pode variar entre as línguas, por isso, o indivíduo não precisa ter conhecimento equivalente em ambas. A segunda questão proposta por Mackey (2000) destaca a função e o uso das línguas, que está diretamente ligada ao contexto em que ocorrem. A terceira questão levantada diz respeito à alternância de código. Segundo Mackey (2000) deve ser estudado como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra. E, por fim, deve também ser estudado, para classificação correta do bilinguismo, como uma língua influencia a outra e como uma interfere na outra.

Em contrapartida às linhas de pensamento acima expostas, desde muito tempo e até hoje, a ideia de bilinguismo mais recorrente, é a de que 'ser bilíngue' é ter o domínio linguístico da segunda língua como um nativo, ou seja, é ser capaz de falar duas línguas perfeitamente. Tal definição é empregada por Bloomfield (1935 apud MEGALE, 2005, p.2) que afirma que o bilinguismo se trata do "controle nativo de duas línguas". Entretanto, Megale (2005) considera outras variantes e afirma que tal definição estaria limitada a "bilíngues perfeitos".

A partir do exposto, nota-se o quão complexa e divergente a conceituação do termo bilíngue pode se tornar, visto que há conceitos praticamente opostos. Sobre isso, Megale (2012) constata que "Entre estes dois extremos, encontram-se outras definições, como, por exemplo, a definição proposta por Barker e Prys Jones (1998), que levam algumas questões a serem consideradas para a classificação de indivíduos bilíngues, as quais seguem abaixo.

- Devem-se considerar bilíngues somente indivíduos fluentes nas duas línguas?
- São considerados bilíngues apenas indivíduos com competência linguística equivalente nas duas línguas?
- Proficiência nas duas línguas deve ser o único critério para a definição de bilinguismo, ou o modo como essas línguas são utilizadas também deve ser levado em consideração?

Tais questionamentos levantam uma discussão essencial para a construção de uma definição de bilinguismo e nos levam a refletir sobre nossa própria

identidade como falantes de uma ou mais línguas. E, a saber, as respostas para tais questionamentos, que dependem na sua totalidade de pontos de vista de quem teoriza sobre o tema, não são o objetivo do presente estudo. Nesse momento, objetiva-se o levantamento da discussão sobre o assunto que, como visto, apresenta uma vasta variedade de teorias com os seus diversos e, mesmo, opostos pontos de vista.

Contribuindo para a discussão, em sua obra, Hamers e Blanc (2000) consideram o contexto de aprendizagem da língua e distinguem o bilinguismo em duas modalidades. Primeiramente, a bilinguagem como estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação. E outro, o bilinguismo como estado de uma comunidade linguística, na qual duas línguas coexistam e são utilizadas para a interação. Para a construção de tais conceitos, os teóricos Hamers e Blanc (2000) analisam seis dimensões, a saber, respectivamente, a competência relativa; a organização cognitiva; a idade de aquisição; a presença ou não de indivíduos falantes da língua estrangeira no ambiente em questão; o *status* das duas línguas envolvidas; e a identidade cultural.

Diante do modelo de educação bilíngue tratado neste estudo, destacaremos, neste momento, duas das competências acima mencionadas, ou seja, a competência relativa e a idade de aquisição, a seguir descritas:

Segundo Megale (2012), a dimensão relacionada à competência relativa, trata da relação entre as duas competências linguísticas. Essas, por sua vez, resultam em duas definições de bilinguismo que são o 'balanceado' e 'dominante'. A autora afirma que "considera-se bilíngue balanceado o indivíduo que possui competência linguística equivalente em ambas línguas" (Megale, 2012, p. 3). Por sua vez, o 'bilíngue dominante', entende-se o indivíduo que possui competência maior em uma das línguas em questão" (Megale, 2012, p. 249). Cabe mencionar que a classificação, de 'bilíngue dominante', teoricamente, é a que melhor se aplica aos alunos de escolas bilíngues brasileiras, visto que, salvo os poucos estrangeiros que as frequentam, os alunos já aprenderam a língua portuguesa no ambiente familiar e a prioriza como meio de comunicação.

A dimensão relacionada à idade de aquisição da língua estrangeira divide-se em bilinguismo infantil, adolescente e adulto.

O bilinguismo infantil, por sua vez, subdividi-se em 'simultâneo' e 'sequencial', sendo o primeiro "aquele em que a criança adquire as duas línguas ao mesmo

tempo, sendo expostas aos idiomas desde o nascimento” (MEGALE, 2012, p. 249). O bilinguismo sequencial, prevê a aquisição de uma língua estrangeira ainda na infância, mas posteriormente à aquisição das bases linguísticas da língua materna.

O bilinguismo adolescente e adulto correspondem à sua denominação e, portanto, dizem respeito à fase da vida em que ocorre a aquisição da língua estrangeira, adolescência ou fase adulta.

Seguindo a linha de pensamento de Harnes e Blanc, Grosjean considera o meio em que o fenômeno do bilinguismo ocorre e propõe uma definição de bilíngue que enfatiza a frequência do uso da língua em detrimento da fluência: “Bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) no seu dia-a-dia”<sup>1</sup>.

Diante dessa última definição de bilinguismo de Grosjean, coerente com muitos outros teóricos da área, observa-se que o uso da língua no cotidiano é o ponto primordial para a conceituação de bilinguismo ou mesmo sua existência. Sabe-se que a literatura sobre esse assunto, bem como sua conceituação, aplicam-se, principalmente, a sociedades em que o bilinguismo ocorre pela coexistência de diferentes culturas e línguas num mesmo território. O que difere do contexto de bilinguismo existente no Brasil, onde a aprendizagem da e o contato com a segunda língua acontecem primordialmente em ambiente escolar e não no cotidiano.

Após revisar definições e conceitos de bilinguismo, partindo de diferentes teóricos e suas visões, foca-se, na sequência, sistematização do ensino bilíngue no mundo e sua configuração no contexto brasileiro.

#### **4 EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

A história nos mostra que determinadas línguas e culturas tiveram papel importante, até de dominância, na vida das pessoas ao redor do mundo. Durante o Império Romano, por exemplo, o latim era a língua materna, mas o grego era aprendido devido ao seu *status* por ser considerado a língua da educação e cultura. Segundo Kahane:

Almost all educated Romans were bilingual in Latin and in Greek, which was the language of philosophy, medicine, rhetoric, and much of the literature; wealthy Roman

---

<sup>1</sup> GROSJEAN, F. *Bilingual: Life and Reality*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2010, p.22  
(Tradução do Autor)



families made sure their sons were educated in Greek”.  
(KAHANE, 1979, apud GROSJEAN, 1982, P. 34)

Nesse sentido, encontra-se ainda hoje o papel de dominância que algumas línguas desempenham na sociedade, em especial a língua inglesa. Resultado, também, do fenômeno mundial conhecido como ‘Globalização’ que fortaleceu os laços comerciais entre os países e proporcionou maior mobilidade das pessoas pelo mundo e, portanto, fomentou o contato e a convivência entre diferentes línguas. Neste contexto, surge a busca pela aprendizagem formal de uma língua estrangeira que respaldou a necessidade do que se classifica como ‘educação bilíngue’.

Na contemporaneidade, a educação bilíngue nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil ocorre em contextos bastante diversos socialmente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o surgimento da educação bilíngue está relacionada à preservação da língua e cultura das minorias étnicas no país. Nesse esteio, portanto, o objetivo do bilinguismo é o acolhimento destas comunidades pela maioria social. Em alguns casos, como nos Estados Unidos, o bilinguismo pode estar associado à preservação de uma identidade, tanto étnica quanto religiosa, como afirma Grosjean:

Many members of minority groups have from the first resisted this approach to assimilation by insisting on having their children educated in their minority language, either instead of or along with English, and on having access to their ethnic culture in the school. The type of education that has been devised in answer to this need has been termed “bilingual education” (GROSJEAN, 1979, p. 67-68).

A tentativa de preservação da língua e cultura de uma etnia também se apresenta no Brasil, quando consideramos as escolas bilíngues criadas para atender as populações indígenas. Segundo documento disponibilizado no site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão federal articulador das políticas indigenistas:

Os povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de [Educação Escolar Indígena](#) é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas. (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, 2010).

Segundo resultados fornecidos pelo Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, a atual população indígena brasileira, é de 817.963 indígenas, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras. Foram registradas no país 274 línguas indígenas. Com relação às 274 línguas faladas, o censo demonstrou que cerca de 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa. (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, 2010).

Para garantir uma educação de qualidade para essa categoria de escola e modalidade de ensino, o Conselho Nacional de Educação definiu os elementos básicos para a organização, estrutura e funcionamento destas escolas. No entanto, sabe-se que a existência de escolas bilíngues voltadas para essa categoria são limitadas ou mesmo inexistentes, e que, ainda, há muito a ser feito e construído para a consolidação e universalização da oferta de uma educação escolar de qualidade para os povos indígenas.

Apesar de ainda não ter sido concretizado no Brasil, a ideologia de uma educação que preserve e promova a cultura e língua materna de uma etnia minoritária foi idealizada e tomou forma em outros países, como nos Estados Unidos, por exemplo.

Partindo desse contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira, que respeite e pressuponha a manutenção da cultura e língua de uma etnia, assim como da possibilidade da aprendizagem ocorrer por meio da língua materna, Pifer afirma sobre o conceito de educação bilíngue:

(...) the term usually refers to programs that employ a child's native tongue as a medium of instruction while he or she is being helped to learn English. The theory is that, by enabling students to master cognitive skills in the language they know best before making the transition to English, bilingual classes will prevent academic retardation. Often, a secondary aim is to enhance and maintain a child's proficiency in the home language. Classes also frequently draw on a child's heritage and culture as a means of building self-esteem and increasing comprehension and motivation to learn. (PIFER, 1979, p.3 apud GROSJEAN, 1979, p.68)

Atendendo a esta demanda de ensino, que garante a presença da língua materna da minoria e ao mesmo tempo promove sua cultura, surgem nos Estados Unidos as escolas privadas, em sua maioria custeadas por fundos religiosos, sendo, posteriormente assimiladas à educação pública.

No Canadá, país culturalmente bilíngue, diferentemente dos Estados Unidos, a escola bilíngue é mais um contexto de aquisição natural das duas línguas, francês e inglês, simultaneamente. O bilinguismo não se encontra somente na sala de aula, ou nas comunidades minoritárias que habitam o país, mas no país como um todo. No Canadá, existem escolas chamadas de **Immersion School**, onde falantes da língua inglesa são ensinados por meio do francês.

Além das escolas de imersão, como as encontradas no Canadá, Baker (2007) elicitava outros tipos de escolas bilíngues existentes no mundo, sendo algumas delas: **Dual Language Schools, Internacional Schools, European Schools Movement, Heritage Language Schools.**

**Dual Language schools**, ou também conhecidas como *Two-way schools*, Two-Way Immersion, Two-way Bilingual Education dentre outras denominações, são encontradas nos Estados Unidos e pressupõem a aprendizagem por meio de duas línguas, por meio de uma média de 50% em cada língua. Por outro lado, a **International School** ensina por meio da língua majoritária, ou seja, prioritariamente o inglês. Os alunos são, normalmente, oriundos de outros países, filhos de diplomatas, ou de pais que trabalham em multinacionais e buscam uma escola que siga o currículo do seu país de origem.

As escolas denominadas como **European Schools Movement** privilegiam o multilinguismo, usando duas ou três línguas como meio de ensino. Por fim, as **Heritage Language Schools** almejam um ensino voltado para a língua de herança dos alunos, normalmente a língua da minoria, como indígenas ou imigrantes.

Acima, foi exposto um breve histórico sobre a educação bilíngue, que como visto, pressupõe conceitos distintos dependendo dos países e contextos em que se encontra. Quanto a isso Mackey (1972) alerta para o fato de:

Além dessa variedade de escolas que são denominadas como bilíngues, encontramos também no Brasil escolas que oferecem o uso da língua inglesa e que se classificam como bilíngues. O número de escolas que oferecem educação bilíngue (português/inglês) tem crescido expressivamente nas duas últimas décadas no Brasil. Predominantemente na cidade de São Paulo, algumas escolas particulares de educação infantil passaram a oferecer propostas curriculares que contemplavam o ensino da língua inglesa, tendo como base o modelo de programa de imersão canadense.

O conceito de escola bilíngue está diretamente relacionado ao ensino de duas línguas aos seus alunos. E há o entendimento de que as aulas da segunda língua não deveriam ser somente eletivas ou extras. Pelo contrário, elas são obrigatórias e têm uma carga horária mais elevada que em escolas regulares. Nesse viés, Harmers e Blanc (2000) afirmam que:

A educação bilíngue é um sistema no qual a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas, seja simultânea ou consecutivamente. Além disso, quando a escola bilíngue privilegia o inglês, o ambiente é geralmente repleto de indícios, tais como placas, recados, murais, e avisos da língua inglesa, com o intento de propiciar um ambiente de semi-imersão na língua. (HARMERS E BLANC, 2000, apud MEGALE, 2005, p. 9)

A sistematização do ensino bilíngue acima exposta vai ao encontro da caracterização das escolas bilíngues brasileiras que investem em estrutura física como placas e avisos em inglês, assim como uma carga maior do ensino da língua inglesa, durante o período escolar.

Indo mais além, e discorrendo sobre o objetivo da educação bilíngue, Garcia (2009) afirma que:

Um dos objetivos da educação bilíngue é o desenvolvimento de uma biliteracia funcional. A biliteracia é muito mais que o resultado de uma co-alfabetização. Pressupõe, em termos de produção, o desenvolvimento de capacidades de representação do mundo e de comunicação do pensamento, recorrendo, simultânea ou separadamente, de modo consciente, à escrita em duas ou mais línguas, de acordo com os contextos, as intenções comunicativas e o desejo de identificação sociolinguística. (GARCIA, 2009, p. 345)

Coerente com a ideologia de educação bilíngue proposta por Garcia, as escolas bilíngues brasileiras propõem um grande diferencial da instituição é sua preocupação em proporcionar aos seus alunos as competências necessárias para usar duas ou mais línguas em situações acadêmicas e sociais. Por isso, as escolas bilíngues, cada vez mais, optam por ensinar por meio das línguas e não apenas as línguas, sendo essa a principal diferença em relação às escolas de idiomas. Esse é o discurso proposto por muitas escolas bilíngues, no entanto, essa proposta nem sempre condiz com o ensino por muitas oferecida.

Nesse momento, considera-se necessário um breve histórico do ensino da língua inglesa no Brasil.

## **5 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E O SURGIMENTO DAS ESCOLAS BILÍNGUES**

O levantamento teórico sobre o bilinguismo anteriormente exposto é de grande relevância para a construção desta pesquisa, mas faz-se necessário entender que a literatura existente sobre o assunto, em sua grande maioria, volta-se para o contexto de bilinguismo em que as línguas coexistem numa mesma comunidade ou família. Nesses casos, os pais são de nacionalidades diferentes, por exemplo, a situação é aquela em que imigrantes passam a viver em outro país. No contexto de escolas bilíngues brasileiras, encontramos, a prevalência da língua portuguesa no seio familiar e mesmo no ambiente escolar, o que deve ser considerado no contexto de aprendizagem da segunda língua. Configura-se dessa forma o que Grosjean (1982) classifica como “formal language learning” em oposição a “natural learning”.

Cabe nesse momento um breve histórico sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, em especial, o ensino da língua inglesa que, devido ao seu prestígio internacional, passou a ser a língua a ser ensinada no ensino de escolas públicas brasileiras.

Quanto à regulamentação do ensino brasileiro, sabe-se que duas instâncias articulam as normas para a Educação Básica Brasileira. Uma é a esfera federal, por meio da Constituição Federal, da Lei de Diretrizes e Bases, dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A outra envolve as esferas estaduais e municipais, por meio das Diretrizes das Secretarias de Educação dos estados e municípios. A esfera federal garante o acesso à educação e à universalização do Ensino Básico no Brasil, mas é na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), cuja última versão é de 1996, que encontra-se a regulamentação de sua oferta e da estrutura da educação no país. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são diretrizes federais que orientam as secretarias estaduais e municipais com relação ao conteúdo a ser ofertado em cada disciplina, indicando os conteúdos mais importantes para cada ano letivo. (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 7).

Neste trabalho, privilegia-se o entendimento da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, visto que foi a partir desta lei que o ensino de línguas estrangeiras foi determinado como disciplina obrigatória no ensino fundamental. O artigo 26, capítulo II constata que:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (BRASIL, 1996)

A maior parte das escolas, principalmente públicas, opta pelo ensino da língua inglesa, o que está diretamente relacionado à sua função de 'língua internacional'. Apesar de fazer parte do currículo, o ensino de línguas estrangeiras pertence à parte diversificada e, por isso, é menos regulamentada e muitas vezes considerada complementar dentro do currículo escolar. No geral, o inglês, quando é oferecido, possui um papel marginal na grade curricular, o que pode ser percebido pela carga horária menor da língua estrangeira, quando comparada à de outras disciplinas.

A partir da década de 90, as instituições particulares de ensino da educação infantil também passam a inserir a língua inglesa ao currículo da escola. Inicialmente com o intuito de equiparar a função exercida pelos institutos de idiomas com o papel das escolas regulares. O sucesso dessa oferta deveu-se principalmente à procura dos pais que veem no sistema privado a oportunidade para que seus filhos tenham uma educação de qualidade e o ensino de uma língua estrangeira.

Nesse contexto, surgem no Brasil as escolas denominadas "bilíngues" concentrando-se especificamente no segmento privado de ensino. Embora não haja, até o momento, estatísticas oficiais que tenham registrado o surgimento e a expansão desse segmento educacional no Brasil, sabe-se que a sua procura está diretamente relacionada ao aumento do interesse pelo inglês como língua internacional, à globalização e às exigências do mercado de trabalho. A língua inglesa passou a ser vista como um bem de consumo necessário. Vale ressaltar que diferentemente do que ocorre nas escolas internacionais, a clientela das escolas "bilíngues" constitui-se majoritariamente de brasileiros cuja primeira língua é o português.

As escolas bilíngues brasileiras surgem, portanto, para atender uma minoria privilegiada e até os dias de hoje está associada com a preservação e até fortificação da posição de grupos na sociedade, através do diferencial que a aprendizagem fluente da segunda língua representa, juntamente com sua cultura. Está presente uma ideia de prestígio, de *status*.

## 5.1 REGULAMENTAÇÃO DAS ESCOLAS BILÍNGUES NO BRASIL

As escolas bilíngues estão tornando-se cada vez mais comuns, mas sabe-se que a regulamentação dessas escolas é imprecisa, ou mesmo, inexistente. Tal situação nos leva a questionamentos no que concerne à configuração do ensino bilíngue no Brasil, tais como: Qual a carga horária necessária para se obter um ensino bilíngue? O que há legalmente de concreto para o desenvolvimento de instituições de ensino bilíngue no Brasil?

A LDB reconhece a existência de um modelo de educação bilíngue, mas voltado para a educação intercultural indígena, como exposto anteriormente nesse trabalho. No caso das escolas bilíngues particulares, o bilinguismo é opcional, e tais escolas são vistas pela legislação como qualquer outra escola do território nacional, estando sujeitas às mesmas regras e obrigações.

Os dois trechos da LDB que se seguem afirmam que a educação deve se dar em língua portuguesa, a língua oficial do país, nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. (Art. 26, § 3º). E quanto ao ensino médio define “a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.”

A LDB estipula a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa no território nacional, com exceção dos povos indígenas. Portanto, as escolas bilíngues atualmente existentes no país seguem tais regulamentações e ofertam 200 dias letivos com aulas dos componentes curriculares obrigatórios em língua portuguesa. No entanto, para ter um diferencial e se classificarem como bilíngues, acrescentam um horário complementar e um currículo adicional. A maior parte das escolas oferece cerca de três horas diárias a mais em seu período letivo, e procuram equilibrar o tempo de exposição à segunda língua com o tempo regulamentar no currículo brasileiro. Para tanto, muitas estabelecem o ensino de matérias como educação física, artes e música por meio da língua inglesa, além da própria disciplina de inglês.

Algumas escolas organizam curricularmente o período complementar, em que é oferecida a educação bilíngue, no item “parte diversificada” do currículo, conforme previsto na LDB:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (BRASIL, 1996)

O artigo 26 em conjunto com o parágrafo 5º da LDB constituem uma das poucas fontes de informação e regulamentação de escolas bilíngues no Brasil. Evidenciando a falta de parâmetros e dificultando o processo de planejamento e implementação de um programa único de educação bilíngue brasileiro.

Outra questão fundamental que concerne a educação bilíngue é a formação do docente de língua estrangeira atuante em escolas bilíngues. O aumento da oferta, ainda que beneficie o público, também traz à tona alguns pontos, especialmente em relação à formação do docente de língua estrangeira.

## **6 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

A oferta do ensino bilíngue vem aumentando consideravelmente no Brasil e são cada vez mais comuns as escolas que oferecem a educação bilíngue como uma promessa de futuro. Em seu recente estudo intitulado *O bilinguismo não é uma prerrogativa da educação bilíngue*, o mestrando da UNICAMP, André Coutinho Storto, relata que afirmações como “o ensino infantil bilíngue é uma forma de educação globalizada, que amplia as oportunidades para a criança descobrir caminhos para a sua realização pessoal no futuro”, ou “no mundo globalizado em que vivemos, o inglês se tornou pré-requisito para uma vida sem fronteiras” estão nos sites de várias escolas. Outro discurso recorrente é a garantia de profissionais qualificados para esta modalidade de ensino, mas sabe-se que a garantia de tais características nem sempre acontece. Um dos fatores a se considerar, é a dificuldade em avaliar o desempenho dessas escolas, uma vez que não existe regulamentação específica ou monitoramento da educação bilíngue no país.

Em matéria para o jornal Gazeta do Povo, Rosana Félix afirma que “o perfil do profissional desejado nem sempre é encontrado”, visto ser um profissional formado em Pedagogia ou Letras com fluência em outro idioma e experiência com crianças



pequenas, já que a maioria das instituições oferta o serviço para crianças a partir dos 2 e 3 anos de idade.

Na sequência da reportagem, realizada em Curitiba, Félix informa que as escolas relatam que a seleção dos profissionais é bastante criteriosa e envolve muito treinamento. Mas a dificuldade em encontrar mão de obra especializada é grande, mesmo em uma metrópole como São Paulo. Diretores de escolas da capital paulista relatam dificuldades para encontrar profissionais habilitados, do berçário à educação infantil. (FÉLIX, R. 2014).

A formação do profissional que atua com língua estrangeira na educação infantil é tema de estudo do doutorado de Raquel Cristina Mendes de Carvalho, professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), que constata “O Brasil não tem legislação alguma a respeito disso, o que pode ocasionar problemas”. Segundo ela, os cursos de Pedagogia não ofertam disciplinas sobre o ensino de um segundo idioma, e os cursos de Letras, por sua vez, não contemplam o atendimento a crianças pequenas. Por isso, o profissional requisitado costuma ser formado em Pedagogia, com fluência em língua estrangeira, e de preferência com especialização.

Cabe, nesse momento, a análise do quadro de professores de uma escolar bilíngue da região de Curitiba e dos seus dados coletados por meio de um questionário.

## **7 QUESTIONÁRIO E ANÁLISE DE DADOS**

Com o objetivo de verificar a visão dos professores sobre o bilinguismo e a escola bilíngue, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo, onde foram feitas dez questões<sup>2</sup> em duas dimensões: descritivas e explicativas. Buscou-se na fala dos professores subsídios que confirmassem o referencial teórico discutido nesse estudo, com o intuito, principalmente de saber se os profissionais tiveram ou tem a oportunidade de conhecer teorias que fundamentam o bilinguismo e se exercem uma reflexão sobre a sua prática de trabalho.

Assim, a pesquisa procurou basicamente fazer um reconhecimento da amostra (professores), saber suas opiniões sobre o ensino bilíngue e sua formação

---

<sup>2</sup> Apêndice A – Questionário investigativo para professores de escolas bilíngues.

acadêmica. Participaram deste estudo uma amostra seletiva de sete professoras de língua inglesa e uma que leciona Educação Física por meio da língua inglesa. Todas trabalham em uma escola bilíngue localizada na região de Curitiba- PR. O grupo foi composto por sete professoras formadas em Letras e uma em Educação Física. Três atuam na área há menos de dois anos, uma há cinco anos e as outras há pouco mais de nove anos. Do total, 50% possuem Pós Graduação (Especialização) completa e todas aprenderam inglês por meio de curso de idiomas.

Em resposta a questão quatro, a maioria unânime afirma não ter cursado matérias voltadas para a educação bilíngue durante a graduação, confirmando o quadro de déficit de disciplinas voltadas para essa modalidade de estudo. Mas, consideram de grande importância como nos seguintes exemplos:

Figura 1: Resposta à questão 4

<b>PROFESSOR</b>	Você cursou alguma matéria específica sobre o ensino bilíngue no curso de graduação? Caso a resposta seja afirmativa, o que achou da experiência? Se negativa, considera esse tipo de matéria importante para o curso? Justifique.
1	“Não cursei disciplinas específicas, apenas conteúdos sobre o assunto e acredito que a abordagem do assunto é de extrema importância, pois é um campo que vem crescendo bastante”.
2	“infelizmente não tive nada disso na faculdade. Considerando o mundo globalizado em que vivemos, acho essencial abordar este tema na formação de professores”.
3	“Não específica. Considero importante sim devido ao aumento do número de escolas bilíngues e a necessidade de aprimoramento da prática pedagógica voltada para este tipo de ensino”.
4	“Não. Atualmente é uma modalidade de ensino muito procurada pelo mercado, e o professor deve ser capacitado para lecionar nessa modalidade de ensino”.

FONTE: Elaborado pela autora.

A ausência de disciplinas e formação de professores voltada para o ensino bilíngue durante a graduação não é surpresa, visto ser uma modalidade de ensino ainda em ascensão no Brasil e que ainda não foi assimilada aos cursos de graduação de licenciatura. No entanto, na questão referente ao contato do professor (a) com as teorias existentes sobre o assunto, todas afirmam já terem realizado algum curso ou participado de palestras a esse respeito, seguem algumas das respostas:

Figura 2: Resposta à questão 5

PROFESSOR	Você já realizou curso(s)/oficina(s) que tivessem como foco teorias existentes sobre o conceito de bilinguismo? Caso sim, conte sobre a experiência, explicando em que medida isso refletiu na sua prática em sala de aula.
2	“Já participei de palestras e grupos de estudo que contribuíram para que a minha aula fosse mais abrangente, considerando os diferentes estilos de aprendizagem na minha sala”.
3	“Sim. Ajudou a compreender o desenvolvimento do cérebro de um aluno bilíngue e como se desenvolve a aquisição da língua, além de aprender técnicas de sala de aula adequadas ao ambiente bilíngue”.
6	“Somente na semana pedagógica da escola? Fora isso, ainda não fiz nenhum”.

FONTE: Elaborado pela autora.

O contato com o tema por meio de palestras e cursos é, muitas vezes, de iniciativa das escolas que veem a necessidade de proporcionar formação ao profissional que nelas atuam. Apesar de relatarem o contato com palestras e discussões sobre o bilinguismo, quando questionadas sobre o conhecimento que possuem da literatura a esse respeito, todas as professoras responderam que não se consideram conhecedoras das teorias referentes à educação bilíngue e que gostariam de melhorar.

Figura 3: Resposta à questão 9

PROFESSOR	Você se considera um conhecedor das teorias existentes sobre a educação bilíngue?
4	Não.
7	“Não. Preciso melhorar”

FONTE: Elaborado pela autora.

As respostas à questão “o que é ser bilíngue?” são apresentadas e comentadas na sequência:

Figura 4: Resposta à questão 8

PROFESSOR	O que é ser bilíngue?
2	“Ser bilíngue é ser culturalmente e linguisticamente imerso em ambas as línguas. Pode haver uma língua dominante, mas o ideal seria um equilíbrio. Eu me considero bilíngue pois me sinto à vontade em dois ou mais idiomas”.
6	“Ser bilíngue é conseguir reconhecer e comunicar-se em outro idioma, conseguir ler e compreender diferentes tipos de materiais e aprender o idioma através da cultura do país que utiliza o inglês como primeira língua.”
4	“Para mim, ser bilíngue é dominar mais de um idioma com proficiência, levando isso em consideração acredito ser sim bilíngue.”

FONTE: Elaborado pela autora.

A primeira resposta (professor 2) inclui o termo “equilíbrio que remete ao conceito de **balance of two languages** apresentado por Baker e que pressupõe um equilíbrio entre as habilidades que o falante de uma ou mais línguas possui. Entretanto, sabe-se que encontrar um sujeito bilíngue que domine igualmente duas línguas não é muito comum, na medida que, normalmente, o falante domina melhor uma língua ou determinadas habilidades delas. O autor da resposta reconhece a existência de uma língua dominante, mas de certa forma, defende o ideal do equilíbrio entre as duas.

Megale também discorre sobre essa ideia e traz o conceito de competência relativa que trata da relação entre as duas competências linguísticas. Essas, por sua vez, resultam em duas definições de bilinguismo que são o ‘balanceado’ e ‘dominante’. A autora afirma que “considera-se bilíngue balanceado o indivíduo que possui competência linguística equivalente em ambas línguas”.

Em outra resposta (professor 6) infere-se que o conceito de bilíngue está associado a capacidade ou mesmo habilidade do falante em comunicar-se em outro idioma, podendo ser relacionado à ideia de habilidade proposta por Baker que define habilidade como a competência que um bilíngue apresenta em uma das habilidades da língua. “Some bilinguals actively speak and write in both languages (**productive competence**), others are more **passive bilinguals** and have **receptive ability** (understanding or reading).

A terceira resposta (professor 4) vai ao encontro do conceito mais aceito pelo senso comum, a de que ser bilíngue pressupõe o domínio de um nativo em ambas as línguas. Tal pensamento condiz com a definição empregada por Bloomfield (1935 apud MEGALE, 2005, p.2) que afirma que o bilinguismo se trata do “controle nativo de duas línguas”.

Nota-se, também, que apenas uma resposta (professor 6) abordou a questão cultural que envolve uma língua. Uma questão de grande importância, mas que muitas vezes não se faz presente no ensino da língua estrangeira.

A décima e última questão volta-se para uma avaliação sobre a instituição de ensino onde trabalham e questiona se o professor acredita que o programa da escola onde trabalha promove o ensino bilíngue. A totalidade das respostas afirmam que sim. As professoras acreditam que a escola promova o ensino bilíngue e

afirmam:

Figura 5: Resposta à questão 10

PROFESSOR	Você acredita que o programa da escola onde trabalha promove o ensino bilíngue? Justifique sua resposta.
2	Sim, pois permite que o meu aluno use a língua como instrumento de aprendizado.
3	“Sim. A escola que trabalho não contempla as disciplinas nas duas línguas de forma separada, entretanto, o material usado e os temas trabalhados oferecem a formação bilíngue com os mesmos objetivos e resultados”.
5	Sim. Proporciona oportunidades para que as crianças desenvolvam as habilidades necessárias para aprenderem o inglês.
7	Sim, os alunos costumam dominar a língua estrangeira com facilidade e a utilizam nas diversas situações de comunicação.

FONTE: Elaborado pela autora.

No geral, nota-se que as professoras acreditam no ensino bilíngue proposto pela escola e abordam temas essenciais que concernem a educação bilíngue como a interação do falante com o meio, o conteúdo trabalhado, material didático e principalmente a visão de que o ensino bilíngue pressupõe o uso da língua inglesa como uma ferramenta para a aprendizagem de outros assuntos, sendo esta a proposta da maioria das escolas bilíngues brasileiras.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de hoje que as inúmeras línguas conviveram nos mais variados grupos, mas a tendência é de que, cada vez mais, o mundo se torne bilíngue ou mesmo multilíngue. Estudos acerca deste assunto foram realizados e tomam forma a cada dia mais no âmbito da globalização e devido a maior permeabilização das fronteiras existentes entre os países. Mesmo países, supostamente monolíngues, como a França e o Brasil, são campo para estudos na área do bilinguismo.

A globalização, ascensão econômica da classe C no Brasil, e o consequente acesso ao aprendizado de outras línguas, nos últimos anos, evidenciaram a necessidade de discussões a respeito dos termos bilinguismo e educação bilíngue na sociedade brasileira.

Um dos maiores problemas referentes ao ensino bilíngue no Brasil é que por causa da complexidade e divergências nas definições destes conceitos e por ser uma modalidade de ensino relativamente recente no país, ainda não foram definidas regulamentação dos critérios para a criação de escolas bilíngues. Outro fator, é o devido aprimoramento da formação de professores que atuam nesse contexto, para que tais profissionais tenham subsídios e conhecimento apropriado para exercer seu papel.

Verificou-se, portanto, a necessidade de maior número de pesquisas sobre os cursos de formação de professores nessa área que possibilite a elaboração de propostas de formação de professores nas quais são reconhecidas a riqueza da experiência do professor e a continuidade, ao longo de sua vida profissional, de sua aprendizagem como educador bilíngue.

No decorrer desse trabalho, discutiu-se basicamente os conceitos e definições relacionadas ao bilinguismo e também à educação bilíngue. Ciente de que foi apresentada apenas a superfície do tema e que ainda ficam muitos questionamentos para trabalhos futuros como: O que se entende por educação bilíngue no contexto das escolas particulares brasileiras? O que é ser bilíngue do ponto de vista das escolas bilíngues? ou o professor em contexto bilíngue necessita de formação específica? Como formar um profissional preparado para essa modalidade de ensino?

No geral, percebe-se que, mesmo as partes envolvidas com a educação bilíngue, ou seja, os docentes, as instituições de ensino e mesmo os órgãos que a regulam, ainda pisam em um campo inusitado e desconhecido, mas que precisa ser discutido e projetado para assumir seu papel de preparar cidadãos para a sua formação integral.

**REFERÊNCIAS:**

- APPEL, René, MUYSKEN, Pieter. Bilingüismo y contacto de lenguas. Barcelona: Ariel Lingüística, 1996.
- BAKER, Colin (2011). Foundations of Bilingual Education and Bilingualism, 5<sup>th</sup> edição.
- BAKER, C & PRYS J. Enciclopedia of Bilingualism and Bilingual Education. Multilingual Matters, 1988.
- BHATIA, Tej & William C. Ritchie (eds). 2013. Second edition. The Handbook of Bilingualism and Multilingualism. Malden, MA & Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério de Educação e Cultura, 1996.
- BRITISH COUNCIL. O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira. Disponível em: <[https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo\\_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- CRYSTAL, D. (1997) English as a Global Language. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- EDWARDS, John. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. The Handbook of Bilingualism. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 7 – 30.
- FÉLIX, ROSANE. Sem lei específica, escolas bilíngues exigem pesquisa. GAZETA DO POVO, CUTITIBA, 13 abr. 2014. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sem-lei-especifica-escolabilinguas-exigem-pesquisa-92hyqlis379krf8fh2mt3q53i>>. Acesso em: 28 set. 2016.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>>. Acesso em 20 set. 2016.
- GARCÍA, Ofélia. Bilingual Education in the 21<sup>st</sup> century: A global perspective. Oxford: Basil Blackwell, 2009.

GROSJEAN, F. *Bilingual: Life and Reality*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2010.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

HAMERS, J.; BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge University Press, 2000.

WEI, Li. Dimensions of Bilingualism. In: Li Wei, *The Bilingualism Reader*. 13 London ; New York : Routledge, 2000.

MACKEY, W. The Description of Bilingualism. In: Li Wei, *The Bilingualism. Reader*. London ; New York : Routledge, 2000.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

STORTO, André. Estudo questiona educação bilíngüe. CAMPINAS, 11 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/649/estudo-questiona-educacao-bilingue>>. Acesso em: 18 jul. 2016.



**APÊNDICE A:  
QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO PARA PROFESSORES DE ESCOLAS  
BILÍNGUES**

1. Nome:

E-mail:

2. Mencione há quanto tempo você atua na modalidade de ensino na qual se encontra no momento. Escreva a modalidade e a quantidade de tempo em anos e meses.

3. Qual o seu nível de instrução?

- Ensino Superior Completo
- Pós Graduação (Especialização) Incompleta
- Pós Graduação (Especialização) Completa
- Outros:

3. Como você aprendeu a língua inglesa?

4. Você cursou alguma matéria específica sobre o ensino bilíngue no curso de graduação? Caso a resposta seja afirmativa, o que achou da experiência? Se negativa, considera esse tipo de matéria importante para o curso? Justifique.

5. Você já realizou curso(s)/oficina(s) que tivessem como foco teorias existentes sobre o conceito de bilinguismo? Caso sim, conte sobre a experiência, explicando em que medida isso refletiu na sua prática em sala de aula.

6. Ordene as habilidades abaixo da mais importante (1) para a menos importante (6) na aprendizagem da língua inglesa, na sua opinião: Leitura, Fala, Pronúncia, Escrita, Compreensão oral, Conhecimento de gramática.

7. O que diferencia a escola bilíngue de uma escola regular?

8. Na sua opinião, o que é ser bilíngue? Você se considera bilíngue? Justifique sua resposta.

9. Você se considera um conhecedor das teorias existentes sobre a educação bilíngue?

10. Você acredita que o programa da escola onde trabalha promove o ensino bilíngue? Justifique sua resposta.